

- I -
Vandalizado

O telefone tocou. Uma vez, duas, cinco. Tocou até que ele perdesse a conta de quantas vezes o ouvira dando sinal. Mas, como das outras onze vezes, caiu na caixa de mensagens. Suspirou, enquanto ouvia a já bem conhecida mensagem.

Você ligou para Gerard Way. Eu não quero te atender ou estou longe. Fuck off.

Bip.

Pensou em finalmente deixar uma mensagem. Depois de todas as vezes que ligara, naquele dia e no anterior, foi a primeira vez que pensou em deixar uma mensagem para Gerard. Em lhe dizer tudo o que passava em sua mente, cada simples pensamento que vinha lhe atormentando as noites insones que passara. Queria poder dizer, e realmente podia. Bastava ter coragem, abrir a boca e deixar tudo sair de uma vez por todas. Apenas um tolo pedido de desculpas de um coração realmente arrependido. Um pedido para que ele retornasse.

Respirou fundo, o suficiente para que quando Gerard ouvisse a mensagem o escutasse. Umedeceu os lábios com um simples toque de língua e abriu a boca, pronto para despejar as palavras. Mas quando o primeiro músculo de sua garganta se contraiu para que o som saísse, seus dedos foram mais rápidos. Apertou o botão vermelho do celular e o jogou do outro lado da cama, repentinamente temeroso. Não saía som de sua boca, seu coração estava apertado em seu peito, bombeando sangue em suas veias como se fossem agulhas, ferindo-o, emudecendo-o tão fortemente que nem o soluço que veio foi feito em som alto. Sua alma estava muda, sua garganta estava muda. A voz de seu coração falhava, mas, mesmo assim, ele não iria falar mesmo se pudesse.

Só garotinhas desesperadas ligavam e deixavam recados necessitados. Não queria que Gerard pensasse que ele era que nem qualquer outra – ou outro. Não tinha que ficar correndo atrás de ninguém, era bem mais forte do que isso; era autossuficiente e não precisava ficar se arrastando aos pés de ninguém. Não precisava deixar mensagens, não precisava ficar ligando, não precisava correr atrás de Gerard. Ele era Frank lero e não precisava se submeter a nada. Seu orgulho era o pouco que ainda lhe restava, o pouco de dignidade que não fora retirado de si quando ele se fora. Um pedaço que devia ter ido junto, mas ficara, apenas para tornar tudo mais difícil. Não havia desculpas a serem pedidas.

Então porque ainda se preocupava em ligar?

Ah, claro. A resposta era tão ridiculamente simples que chegava a ser outdoors piscando por sobre sua cabeça. Frank amava Gerard mais do que tudo que tinha em sua miserável vida. Amava-o mais do que seu emprego, do que seu carro, mais ainda do que a casa na qual morava – e que, por sinal, fora ajudado a comprar por Gerard. Desde o momento que Frank descobrira amar aquele homem, seu mundo passara a girar em torno dele. Não fora o mesmo tipo de paixão que sentira com qualquer outro tipo de pessoa em toda a sua vida. Ele sempre fora o tipo de pessoa que ficaria numa festa até tarde, beberia o máximo que pudesse e foderia com a primeira garota que se insinuasse minimamente em sua direção. Acordaria no dia seguinte em uma cama desconhecida, com uma desconhecida nos braços, o gosto de bebida na boca e peças de roupa faltando. Nunca de fato se apaixonara em toda sua vida, por isso, sabia que o que sentia por Gerard não era parecido com nada que jamais sentira.

Ele era sua vida. Era seu coração batendo em seu peito, o ar entrando em seus pulmões. Era cada cheiro, cada sensação, cada som em sua vida. Frank via Gerard em cada momento de sua vida, o via nos lençóis brancos de sua cama, nos desenhos que ele fizera nas paredes, em cada fotografia pendurada nas paredes descoloridas. Nunca soube o motivo de dar tanto valor a apenas uma pessoa, mas, talvez, fosse pelo fato que Gerard fora a primeira pessoa em todo o mundo a *lhe* dar valor. Mesmo sendo um pirralho bêbado que não tinha nem onde cair morto, ele o acolhera. Dera-lhe lições, mostrara o certo e o errado. E, no meio de uma convivência casual como a que tinham, amizade passou a parecer uma coisa pequena e ínfima.

Eles tiveram vários problemas, de fato, mas nada que nenhum casal nunca tivesse passado por. Fazer com que Linda aceitasse que ele era gay não fora o mais complicado; mas quando

Frank tinha apenas dezoito anos e decidira que não queria mais morar com a mãe, mas que iria se mudar para o apartamento do namorado de vinte e três anos, aí sim fora a parte difícil. Não apenas para Frank e sua mãe, mas para todos. Naquela época, todos os seus amigos desistiram dele. Algo no gênero de *Oh meu Deus, Frank lero é gay*, só que em massa. Ficou com apenas seus desejos e amores. Nessa época tudo o que teve foi o amor de Gerard e a pequena compreensão que Linda ainda podia lhe dar.

Conforme o tempo foi passando, tudo se ajeitou lentamente. Alguns de seus antigos amigos simplesmente aceitaram; gay ou heterossexual, ele era Frank e nunca iria mudar o seu caráter por causa de sua sexualidade. Não se tornaria uma bicha cor-de-rosa, não precisava mudar o que era. Se podia satisfazer a si mesmo a Gerard sendo o garoto inexperiente que gostava de escrever músicas, ele seria.

Levou um ano de namoro para que Frank se mudasse para a casa de Gerard, que naquele tempo ainda a dividia com seu irmão, Mikey. Mais seis meses para que juntassem dinheiro para alugar um apartamento pequeno para viverem sozinhos e em paz, sem perturbar o outro Way. Naquele lugar, tudo podiam fazer. Era seu pequeno palácio, a casa de Frank e Gerard. Via-se a arte do mais velho e a música do mais novo em todos os cantos, nas pinturas, nos instrumentos jogados ao chão ou simplesmente nos dois deitados juntos na cama depois de uma noite de amor. Era a fortaleza que construíram juntos e que, depois de mais alguns meses de esforço, puderam finalmente comprar. Lá nada nunca lhes faltava. Gerard mantinha maior parte da casa vendendo as histórias em quadrinho que fazia – Frank o achava o homem mais talentoso do mundo, assim como o mais criativo e o mais bonito. Frank começara a trabalhar recentemente, então tentava o máximo que podia ajudar seu amante com o pequeno salário que recebia do trabalho na loja de discos. Uma vida simples, mas que permitia certos luxos algumas vezes, como um jantar fora ou uma viagem rápida até Florida. Quase como se ambos fossem casados.

Mas como qualquer casamento, vieram as brigas.

Normalmente eles discutiam sobre coisas bobas, mas bastava com que Gerard desse um beijo no pequeno para que ele desistisse de brigar e simplesmente derretesse em seus braços. Ele era paciente como o inferno, até o presente dia Frank se perguntava como o homem aguentara as regras e sistemas que moviam sua vida. Entretanto ele não era de ferro, podia explodir como qualquer ser humano. E Frank não ajudava em muita coisa.

Fora inocência. Depois de sair do trabalho resolvera ir até o bar mais próximo e beber uma cerveja. Porém essa uma virou duas e, muito brevemente, Frank já havia perdido a conta de quantas garrafas havia entornado. Só parou quando não tinha mais dinheiro e lembrou-se vagamente de que havia chaves no bolso de trás – uau! Ele tinha uma casa! Nem pensou em olhar o relógio, mas, se tivesse o consultado, teria entrado na casa derrubando móveis às três e vinte da manhã.

Caso estivesse sóbrio, teria visto que Gerard estivera sentado na sala, os olhos vermelhos e inchados de preocupação e sono. Não teria se jogado na cama sem pensar duas vezes, não teria o empurrado para longe quando ele tentara perguntar onde estivera. Provavelmente, se não estivesse ébrio, teria se lembrado de responder calmamente que perdera a linha e bebera demais, e não de gritar para Gerard ir se foder e deixá-lo em paz. Ele apenas estava se preocupando, sendo o homem atencioso que o amava que Frank um dia se apaixonara de verdade. Mas o álcool não ajudava em nada, pois cada palavra que Frank tentava falar saía ao revés, um elogio saía uma crítica, desculpas saíam como se fossem palavrões.

E, talvez, bem talvez, Frank teria se controlado. Não teria dito que Gerard era um bundão inseguro, receoso de perder o namorado para uma garrafa de cerveja ou para qualquer pessoa que lhe oferecesse sexo bom. Não teria dito que apenas ficava com ele pois Gerard lhe dava teto, comida e uma boa foda todas as noites. Teria automaticamente se desmentido quando disse que ele não o amava. Teria olhado nos lindos olhos de Gerard e visto o quanto aquilo estava o machucando. Abraçaria sua cintura quando ele tentasse arrumar as malas, não diria palavras de incentivo para que fosse rápido e o deixasse sozinho de uma vez por todas. Trancaria a porta e esconderia a chave onde ele não pudesse achar, ampararia as lágrimas que ele deixava escorrer visivelmente pelo rosto pálido. Frank teria correspondido o beijo de despedida que ele lhe dera, e, neste mesmo, teria visto o tamanho da tristeza do homem que o deixava. A dor de ter de deixá-lo.

Mas nada daquilo ocorreu. Frank apenas resmungou e o empurrou para longe, apontando para a porta do quarto para mandá-lo finalmente embora. Em sua mente embriagada, Gerard apenas iria passar a noite na casa de Mikey e no dia seguinte estaria de volta, com seu sorriso amarelo extremamente amável e olhar claro cheio de amor. Não notou que ele levara tudo o que pudera, o que necessitava para passar vários dias longe. Não viu a tristeza em nenhum de seus gestos, e muito menos quando ele abriu a porta e hesitou por alguns segundos. Esperando um chamado, um arrependimento vindo do menor. Qualquer coisa que o fizesse ficar; pois Gerard não queria partir. Não queria deixar a pessoa que mais amava no mundo para trás, queria que aquilo fosse apenas um erro. Desejava com todo o seu ser que Frank viesse cambaleando do quarto e o abraçasse, murmurando um pedido de desculpas embargado e o puxando de volta para cama, obrigando-o a desarrumar suas malas. Ele o faria se o pequeno dissesse qualquer coisa.

Porém nada veio. Nenhum som, nenhum Frank na sala bambeando. Apenas o silêncio que partia corações; o coração dentro de Gerard, que ainda batia com esperança de que as coisas pudessem mudar. Mas ele parou de bater esperando por mudanças. Admitiu a si mesmo que Frank estava bêbado, mas que tudo o que um bêbado diz é apenas o que tem guardado de si mesmo. Beber era a maneira de abrir a porta de todos seus pensamentos mais obscuros e deixá-los sair. E se Frank achava que Gerard não o amava e apenas queria seu sexo, não havia motivos para continuar ali. Ele dera o máximo que pudera ao pequeno, não havia mais o que fazer naquela casa. Gerard o amava, mas não podia aguentar saber do que realmente mantinha Frank preso àquele lugar.

E por isso foi embora. Por amá-lo demais.

E por isso Frank mandou-o embora. Por algumas garrafas a mais.

No dia seguinte, ao acordar, soube que havia algo muito errado. Não havia cheiro de café recém passado no ar, nem mesmo cheiro do perfume de Gerard a seu lado. Não havia um som sequer na casa toda, nem mesmo o do jornal ligado ou o CD predileto de Gerard no rádio. Nada. Um silêncio perturbador.

Frank se levantou e procurou por toda a casa algum sinal de seu amante. Suas roupas não estavam mais no armário, o aquário onde eles criavam seus peixes-filhos-de-estimação havia sumido e o quarto onde os instrumentos de arte de Gerard ficavam estava vazio. A casa estava morta e, pior que tudo isso, Frank não conseguia se lembrar do motivo de nada daquilo. Claro que se lembrava de ter exagerado na dose na noite anterior, mas, depois de abrir a porta de sua casa, as coisas tornavam-se negras. Não se lembrava de nada. Ao forçar a mente, sua ressaca (que já era de matar sem forças) piorava muito. Era como se tivesse tido a memória apagada de uma maneira bizarra. Então, decidido que Gerard devia ter saído por um tempo para deixar Frank sozinho, o pequeno se sentou no sofá da sala, envolto em cobertores, com uma xícara de café e vários cigarros, e esperou. Por dois dias.

Passou os dois dias inteiros naquela fossa, enfiado debaixo das cobertas e saindo apenas para fazer mais café, tomar banho e fazer suas necessidades. Faltou ao emprego. Não atendeu aos telefonemas, apenas conferia-os para ver se nenhum deles era de Gerard. Mas, conforme sua dor de cabeça foi diminuindo e sua memória voltando, Frank percebeu que Gerard não iria voltar tão cedo. Lembrava-se agora de cada palavra, cada sílaba dita para o seu amante naquela noite. Dissera coisas a ele que nunca passaram por sua mente, que nunca pensara que poderia proferir.

Ele amava Gerard, e não se tratava de sexo ou de comida garantida. Era algo muito além. Ele era parte de sua alma, a pessoa pela qual Frank decidira mudar toda sua vida. Gerard era a única coisa que ele ainda tinha completamente, mas acima de tudo era a sua metade. Sua alma gêmea, sem tirar nem pôr. Era seu melhor amigo, seu conselheiro nas piores horas, seu companheiro, seu marido. A maior parte de seu pequenino coração negro pertencia unicamente a Gerard. Seu corpo era dele, sua mente, sua alma. E, sem ele ali, foi quando Frank finalmente compreendeu o quanto Gerard significava para si. Por mais clichê que a frase fosse, as pessoas realmente descobriam o quanto as outras valiam apenas depois de perdê-las. Frank dera todo o valor do mundo a Gerard involuntariamente, como devia ser, pois amar fica perigoso quando medimos o quanto de amor damos ou deixamos de dar. Mas, ao perder Gerard, descobriu-se só. Nu e solitário no meio de uma selva desconhecida. Ele não podia viver incompleto. Precisava de Gerard.

Já fazia duas semanas. Duas semanas desde que Gerard fora embora e, por mais que Frank tentasse, não descobria seu paradeiro. Já ligara para Mikey, mas ele também não tinha tido notícias de seu irmão. Dissera apenas que ele passara por lá no início da semana, pegara algumas coisas, um pouco de dinheiro e depois sumira sem deixar traços. Frank sentia-se agoniado, vazio, prepotente. Saber que Gerard estava fugindo de tudo por causa de suas palavras – falsas e vazias, mentiras e calúnias – lhe doía no fundo da alma. O celular de seu namorado ainda tocava, a caixa postal ainda estava ativa. Então, provavelmente, o mais velho simplesmente estava o ignorando. Nada mais do que ele merecia; era apenas um bêbado miserável que merecia terminar a vida sozinha com uma caixa de cigarros e de overdose alcoólica.

Arrastou-se pela cama moribundamente, como se seu corpo fosse uma bola de ferro que tivesse de carregar à força. Quem o visse há um mês realmente não o reconheceria. Perdera peso, seus ossos dos quadris estavam mais salientes, os olhos mais fundos e inexpressivos. Se alguém se arriscasse a olhar dentro deles, veria um vazio frio e dolorido, preenchido por escuridão e desespero. Decorado com lágrimas e uma vermelhidão eterna, sujando desde sua alma até seus lençóis. Frank não se lembrava da última vez que comera ou que se dignara a entrar no chuveiro. Não sentia fome, e a sujeira grudada em seu corpo não se comparava àquela que se grudava miseravelmente a seus ossos e à sua pele. Se entrasse no banho, acabaria esfregando-se até que a bucha arrancasse sua pele imunda e colorida e, mesmo assim, ainda estaria sujo. Alcançou os cigarros, acendeu um, o fumou. Jogou-se da cama e se enrolou contra o criado-mudo, os joelhos apertados contra o peito, os dedos trêmulos de tanta bebida envolvendo um dos tornozelos ossudos.

Seus olhos doentes, outrora tão vivos, belos e atraentes, fitavam o nada que se estendia à sua frente, contando uma história demasiada triste para qualquer ouvido e intensa demais para um coração qualquer. Se pudesse, Frank queria desaparecer. Mas se simplesmente se matasse, do que valeria à pena? Gerard nunca saberia o quanto ele sentia muito, o quanto o amava e queria de volta. Não era nem capaz de deixar uma mensagem em sua caixa-postal, nunca conseguiria então demonstrar para o mais velho nada do que se passava por sua cabeça. Duas semanas e o mundo parecia ter morrido dentro do pequeno mundo de Frank. Era como se o sol tivesse ido embora de seu sistema solar, e, sem ele, cada pequeno pedaço do menor morria lentamente. Sem forças. Sem vontade.

O cigarro acabou e Frank apagou-o na própria calça, sem se importar em abrir mais um buraco no já esfarrapado jeans. Há dias suas roupas serviam de cinzeiro, a casa toda, na verdade. O apartamento estava um lixo, mas Frank não sentia como se pudesse limpá-lo; aliás, não sentia como se pudesse jamais se levantar do chão sujo de seu quarto, ir ao banheiro ou comer o que quer que fosse. Não sentia vida em suas veias, e se havia ainda um coração em seu peito, batia tão fracamente que nem podia senti-lo.

Tirou outro cigarro da caixa e o acendeu. Pegou si mesmo pensando quanto tempo seu estoque duraria se mantivesse aquela vida por muito tempo. O quanto de dinheiro teria no banco. Se havia roupas limpas pela casa toda. Quanto tempo demoraria a cortar a luz. Quando seria demitido.

Quando Gerard atenderia ao telefone.

Algo no fundo de sua alma lhe dizia que teria de seguir em frente, uma hora ou outra. Talvez procurar Gerard por conta própria, mas não poderia ficar sentado no chão do quarto, fumando e bebendo para sempre. A realidade poderia lhe doer, mas seria melhor que doesse agora do que quando a fome começasse a bater ou quando a luz fosse cortada. Ele era jovem, tinha toda uma vida pela frente. Eram apenas vinte anos, faria muita merda ainda. Gerard fora apenas uma parte...

Não.

Gerard não fora *uma parte* de sua vida, ele *era* sua vida. Frank o amava e não se via vivendo com mais ninguém. Mas podia ser uma fase ou não. Ele nunca saberia se não tentasse sair daquele buraco, daquele fosso onde estava. Teria de se erguer para o mundo se não quisesse afundar mais ainda. Sua boca se mexeu sem seu comando – não um sorriso, Frank não se permitiria tal avanço. Para si, seria indigno de sorrir até que se acertasse com Gerard. Mas seus lábios se torceram levemente para cima, um gesto positivo, o contrário de todos os outros dias, nos quais ficaram voltados para baixo ou ocupados em um cigarro; rachados e feridos de tanto que

seus dentes roçaram na carne frágil. Permitiu-se aquilo, aquele movimento, aquele gesto automático de seu corpo fragilizado, de uma mente deturpada de choro e tristeza e abandono.

Acendeu outro cigarro. Vários, enquanto a sensação inebriante de um sorriso-morto ainda habitava todo o seu ser. Julgou uns seis ou sete, os quais foram todos apagados em sua calça, no chão ou, em um momento que estava cansado de se sentir o mais próximo que podia da felicidade, na própria pele colorida. Observou o vergão vermelho que ficou no local, admirado de como aquela marca, diferente de toda sua vida nessas duas semanas, não doera. De como era um formigamento leve e diferente, realmente, uma queimadura. Mas o que a tornava tão diferente de tudo o que acontecera nesses quatorze dias era o fato de ser uma ferida externa, que doía *por fora* e queimava *por fora*. Não era em sua alma, em sua mente, era algo que criaria uma cicatriz que todos poderiam ver e apertar. As feridas internas causadas pelos atos idiotas de Frank seriam coisas internas que ninguém poderia ver, talvez as cutucassem casualmente, mas nunca iriam realmente ver os vergões e cicatrizes e arrancar a casquinhas marrom deles. Aquela era uma mutilação que ele nunca tentara fazer.

De fato tentara se mutilar uma ou duas vezes, pegando o facão da cozinha e passando pela pele. Da primeira vez, que fora logo no dia que se lembrou de todas as merdas que havia feito e se sentiu morto e idiota, ficou com medo de realmente se matar; e desistiu quando viu apenas o arranhão fino e vermelho que fizera na própria pele. Não houve ardência nem dor, apenas o medo e o risquinho vermelho preso a seu braço por menos de duas horas. Já da segunda vez Frank estivera em uma frequência diferente. Fora há apenas dois dias atrás, estava bem recente em sua mente frágil. A sensação de vazio, e de como aquela lâmina em cima da bancada da cozinha chamava por seu nome com uma voz sedutora e charmosa. Dizia-lhe palavras de complemento e lhe prometia coisas que nunca sonhara em ter. Ela o levaria de volta para Gerard, de volta para o lugar onde pertencia, de onde nunca devia ter saído. Aonde ele seria bem-vindo, e onde todas as pessoas que ele amava um dia terminariam também. Foi rápido e fácil. Um único corte na parte interna do braço, e ele acordou do transe. Houve dor, houve desespero, houve sangue no chão – ainda estava no piso frio da cozinha, agora seco e cor de cobre, mas marcando aonde Frank caiu quando abriu os olhos e viu a faca enfiada em seu braço. Ele simplesmente desesperou-se quando enfiou o corte debaixo da torneira e ele não ardeu – mas sua mente ardeu no lugar. Não devia estar se cuidando, devia deixar a ferida infeccionar, seu braço necrosar e algo causar sua morte.

Mas no fundo de sua alma, algo dizia que Gerard não ia querer que ele se suicidasse. Naquela noite, Frank se enrolou na cama, segurando o braço dolorido e enfaixado toscamente com uma toalha, e contou a si mesmo uma história que seu namorado lhe contara quando começaram a se conhecer.

Suicídio não era a saída para nada. Foram essas suas primeiras palavras, as que antecederam as de um Gerard com a idade de Frank, alcoólatra, viciado em Xanax, perdido no mundo e sem ter para onde ir. Um dia, revirando os guetos em busca de algo para fazer, o jovem Gerard descobriu as maravilhas da cocaína e começou a drogar-se. Para esquecer a dor de não pertencer àquela vida, àquele lugar. Não chegou a se tornar viciado, mas foi o suficiente para que alucinasse. E pensasse em se matar. Oras, não tinha utilidade naquele mundo, ninguém o conhecia, só seu irmão. Para que permanecer lá? Era fácil. Havia várias maneiras.

Mas lhe ocorreu um momento de lucidez que salvou sua vida (Gerard rira naquele ponto e dissera que vira “o Frank no fim do túnel”). Ele tinha alguma utilidade, tinha o que fazer. Sua visão de mundo era tão diferente, tão profunda. Sua mente era uma coisa poderosa, mesmo naquele estado, conseguiu pensar no que fazer para não se sentir um moribundo na vida. Mostraria que, talvez, as coisas pudessem valer à pena. E tinha como fazer aquilo. Largou as drogas e até mesmo a bebida. E começou a desenhar e a mostrar o mundo o que sabia fazer de verdade. Escrever histórias tão reais e tocantes que faziam Frank sentir-se, naquele momento, na cama agarrando o braço sangrento, a pior criatura do mundo. A vida era bela, no fundo. O mundo podia ser pobre e corroído por vermes famintos, mas ainda existiam pessoas pelas quais valia à pena lutar. Pessoas no fundo do poço que merecem sair de lá e mostrar que podem, sim, brilhar como qualquer outro. Gerard dizia que se tivesse se matado nunca teria tirado Frank de seu buraco – e era verdade. Pura verdade. Provavelmente Frank teria continuado a beber, foder e sair feito um vagabundo desocupado. Ele nunca teria se apaixonado, nunca teria visto o quão errada era sua

vida e não teria tentando mudar.

Riu consigo mesmo, surpreso por finalmente ouvir sua voz saindo de alguma maneira. Riu do que pensava, e no que podia ter realmente acontecido se não tivesse conhecido Gerard. Ele não estaria sofrendo naquele exato momento. Estaria numa cama, transando com uma desconhecida e bebendo mais e mais garrafas de bebidas alcoólicas, entre uma bituca de cigarro e outra. Tudo seria tão diferente.

Se bem que no dado momento as coisas estavam como se Gerard nunca tivesse aparecido em sua vida. Frank estava sozinho, na sujeira, perdido mais uma vez. Fumava e bebia como costumava fazer nos bares que ia. E também estava fodendo com uma desconhecida – a solidão. Não apenas com ela, mas com uma bem conhecida também. Sua alma. No chão sujo, rolando e deleitando-se com sua solidão, sedutora e confortável, e sua alma, conhecida e bem-vinda. Continuava o mesmo adolescente ridículo, bêbado e solitário, que acordava com estranhas na cama e ia embora sem nada e nem ninguém. A única diferença era que, dessa vez, ele não ia embora. Frank ficava com a desconhecida e com a velha colega, fodendo e cansando-se até não poder mais. Ele acordava e dormia com elas. E a cada dia iam tornando-se mais íntimos.

Colocou um cigarro entre os lábios feridos e aspirou a fumaça. E pela primeira vez em duas semanas Frank sentiu sua voz vindo. Foi direcionada de seu âmago, de seu espírito, da energia canalizada que até o presente momento servira apenas para teclar o número de Gerard de novo e de novo no celular. Surpreendeu-se ao ver o quão cavernoso estava soando, o quanto sua garganta doía, a maneira como sua língua estava empapada e grossa em sua boca, e como seus dentes pareciam-lhe ásperos e nojentos. Apaixonou-se por si mesmo, por sua versão precária. Aceitou os fatos.

Gostava de deprimir-se.

“Vou morrer sozinho nessa merda de casa.”

E soltou a fumaça.

- II -
Surpreso

Suas palavras foram como um chamado. A casa se acendeu ao ouvir a voz do dono menor. Parecia que a luz havia entrado, que as janelas foram abertas e adrenalina injetada nas veias que corriam secretamente pelas paredes da casa. Frank soube como se levantar e levar a si mesmo até o banheiro. Sorriu para seu reflexo com a barba para fazer, horrível, nojento. Perfeito. O retrato de sua alma refletido com perfeição do lado de fora. Agora sem fingimento e frescuras. Era apenas Frank e suas companheiras na noite eterna que assombrava sua vida – a solidão e sua alma fragmentada.

O cômodo, que quando Gerard morava com Frank era mantido branco e impecavelmente limpo, agora estava amarelo e nojento. Manchas pretas de bolor enfeitavam os cantos do piso de azulejo desenhado, dentro e fora do box. A privada estava limpa – graças ao pouco de higiene que Frank mantivera -, mas a pia deixava a desejar. O lixo estava transbordando de papel higiênico usado, um canto do pequeno cubículo estava escondido por pilhas de toalhas tangidas com sangue do braço de Frank. O chuveiro pingava descontroladamente, fazendo uma melodia de fundo para o tour de Frank – como se ele nunca tivesse visto sua fortaleza antes na vida.

Aquela vida injetada na casa fez com que tudo parecesse tão convidativo – desde o chão sujo até a cama desarrumada. Conforme Frank andava pelo pequeno apartamento no sétimo andar de um prédio qualquer em Manhattan, ia observando os resultados de seu desleixo como se fossem filhos seus. Havia muita poeira, e, de fato, a única parte que estava ridiculamente suja da casa era o quarto. A sala estava intocada, coberta com uma camada leve de ácaros e solidão. A televisão não fora ligada nos últimos quatorze dias, o sofá estava com a colcha vermelha que o namorado de Frank amava. Havia um livro em cima da mesinha de centro, aberto em uma página qualquer, linhas sublinhadas com caneta azul. *E no âmago de cada ser humano se encontra seu maior desejo; indescritível com palavras, mas significativo com todo o desejar latente que o mantém escondido.* Uma seta fora puxada e a letra elegante e desenhada de Gerard fizera uma carinha feliz e o nome de Frank embaixo. Oh, Deus. Fora o livro que Gerard primeiramente emprestara a Frank, e que o deixara desconfiado de seus sentimentos pelo desenhista.

“Não quero isso aqui,” disse o menor, pegando o livro e o jogando para dentro do quarto. Ele aterrissou na cama com um baque surdo e sumiu no meio das cobertas reviradas. Frank voltou-se para a sala e concluiu que não tinha o que fazer lá.

Foi até a cozinha. O chão ainda estava com a mancha de sangue seco que derramara dois dias atrás. Não se deu ao trabalho de limpar, apenas esfregou o pé por cima da marca e ela se desfez em pequenos pedaços, os quais empurrou para debaixo da pia. O cheiro lá dentro estava insuportável – ele não tirava o lixo há pelo menos uma semana, e não fazia compras há pelo menos duas. Tudo o que restara naquele lugar tinha marcas de bolor e cheiro de morte, de putrefação. Ao abrir o armário sob a pia, uma legião de moscas o atacou e os pães murchos lhe deram olá. Quase vomitou de nojo, e apenas fechou aquilo novamente. Cuidaria do lixo e da nojeira posteriormente, quando a vida estivesse de volta ao seu corpo, e não a casa. Não estava fazendo uma ronda por querer limpar, mas porque a casa estava viva e queria lhe mostrar que se sentia como Frank, que também estava morrendo apesar de ter acabado de reviver. Mostrava suas cicatrizes feias e sujas, como o chão e como as frutas podres na fruteira ao lado do fogão. Nem tentou abrir a geladeira, o cheiro mais nojento saía dela. Não pagaria nada para ver a nojeira que aquele eletrodoméstico devia estar, com as comidas estragadas há mais de semanas lá dentro. Poujou-se de vomitar o nada que tinha em seu estômago.

Era tão engraçado e agradável. Aquela era sua casa, sua fortaleza, e, ironicamente, aquele lugar estava se moldando bizarramente ao ânimo de Frank. Como se tivesse vida própria e quisesse acompanhar o dono em cada mudança de humor. Queria morrer e definir como a felicidade do menor. Quase como um filho seguindo debilmente os passos do pai em busca de tornar-se o que ele era. Mas no que a casa se transformaria se chegasse ao mesmo ponto que Frank? Num enorme gueto, sujo e nojento? Suas paredes misteriosamente ruiriam e levariam Frank para a morte lenta e agonizante de ser enterrado vivo? Pouco provável. Apesar de *parecer* viva, uma casa sempre seria a porra de uma casa, imóvel e sem vida. Podia fazer barulhos, mas

nunca respiraria e falaria com o dono como se fosse um ente falante e vivente. Ela apenas desabaria se Frank permitisse o mesmo. Mas ele mesmo estava desabando. Não tinha forças o suficiente nem para levantar a si mesmo do chão, quanto mais para levantar as toneladas que sua casa deveria pesar. Não podia cuidar daquele lugar; não podia tapar as rachaduras na parede ou limpar o chão se nem conseguia cuidar de si mesmo. Cada coisa a seu devido tempo.

Saiu da cozinha, abanando o ar fétido de seu nariz, e marchou até a sala novamente. As cortinas que escondiam a sacada estavam firmemente fechadas, deixando apenas leves raios do sol de fim de tarde entrarem por entre suas brechas. Com aquilo, a sala tornava-se um ambiente alaranjado, com ar de fotografia antiga. Os feixes incidiam em pequenas partículas de poeira que fluíam pelo lugar, que eram levantadas com a corrente de ar que varria a casa ocasionalmente. Parecia pó de fada, como nas histórias infantis. Um pouco daquilo e pensamentos felizes fariam com que Frank voasse. Para longe de tudo, daquela casa, de Gerard, da doentia Manhattan que tentava saudá-lo, alegre e brilhante, do lado de fora de seu apartamento. Passou os dedos pela fina camada flutuante que havia logo à sua frente. Como se sua mão e as partículas fossem imãs de cargas iguais, o pouco de pó se afastou com a aproximação da mão de Frank, esquivando-se da pele imunda. E, mais uma vez, aquilo era apenas poeira fluindo no ar, os ácaros dançando magicamente no ar perto do sofá e da colcha vermelha. Frank jogou-se nessa mesma, se dando ao luxo de ser atacado por uma onda ridiculamente grande de poeira e de outra coisa que o fez engasgar, mas que não se tratava de nada relacionado a problemas respiratórios.

O cheiro de Gerard. Ele estava lá, imortalizado na colcha vermelha que sempre estava envolvendo seu corpo branco como mármore, lembrando Frank com uma bordoadada de realidade de tudo o que estava perdendo com sua estupidez. Seu Gerard. A pessoa que mais amava no mundo, o mais belo, o mais amável, o mais compreensível. Seu amor. Tudo estava longe de seus dedos débeis, agarrados fortemente ao tecido como se sua vida dependesse daquilo. Como se, ao absorver aquele cheiro inebriante, pudesse magicamente ter coragem e deixar uma mensagem no celular de Gerard – ou até mesmo trazê-lo de volta. Mas tudo o que aconteceu com Frank ao cheirar mais e mais a colcha foi absorver a triste realidade de que aquele pedaço de tecido cheiroso seria o máximo que teria de Gerard por um longo tempo. Seu cheiro, a sua memória elevada ao teor mais puro e incompreensível, a parte infinitesimal de seu amor apenas ali, naqueles dois metros por dois metros de tecido vermelho escarlate. Como uma pequena parte da alma de seu amante que ele largara ali por descuido – ou talvez de propósito, para torturá-lo. Mas Gerard nunca faria aquilo. Podia, provavelmente, estar odiando Frank naquele momento, mas não poderia torturá-lo. Sua natureza, tão pura e inegável, não era algo tão volátil a ponto de virar um torturador. Devia ter sido apenas um acidente.

Um soluço idiota escapou dos lábios de Frank, enquanto ele pegava a colcha e se embrulhava nela como Gerard costumava fazer, apenas deixando a cabeça para fora, poluindo o tecido com sua sujeira interna e a externa. Iria lavar o cheiro delicioso daquele tecido, mas não ligava. Queria se sentir completo pelo menos uma última e maldita vez. Queria se lembrar de como era pertencer aos braços de Gerard e aquilo não lhe trazer dor, mas sim uma alegria indescritível. Queria poder usufruir mais uma miserável vez do calor que seu corpo lhe dava, do quanto gostava de simplesmente ficar deitado debaixo das cobertas com ele, choramingando que *mais cinco minutos e nós levantamos*. A tristeza podia ser algo engraçado, como um alucinógeno. Pois no ápice do desejo distorcido de Frank, foi como se tudo acontecesse.

Ele não estava mais sozinho, o que o assustou a ponto de lhe arrancar um suspiro de surpresa. O cheiro do tecido transformou-se no cheiro do próprio Gerard, real e palpável, logo ali ao seu lado. O calor não era mais o do fim da tarde, mas de um corpo apertado contra o seu, peito pressionado à linda de sua espinha. A colcha escarlate não era mais aquilo que estava grudado ao seu corpo, mas o que o envolvia eram ambos os braços de Gerard em sua cintura, o puxando apaixonadamente para perto, e o que se chocava contra sua nuca não era o vento que vinha das janelas. Era uma respiração quente e ritmada, cheirando a café e cigarros, e, se ele pudesse virar-se e encarar, veria os dentes pequenos e amarelos que amava tanto.

Fechou os olhos com força enquanto o aperto delicioso em sua cintura se tornava mais e mais real a ponto de trazê-lo às lágrimas. Não que lhe doesse, mas parecia ser real. Real o suficiente para o pequeno saber que não era verdade. Sabia que Gerard não estava ali, aquilo era

apenas sua mente lhe pregando peças mais uma vez. Mas fora a peça mais real e indigna que jamais lhe pregaram. Sua mente estava lhe machucando tanto que ele soluçou mais uma vez e encolheu-se, como uma criança, em uma pequena bolota no sofá e afundou o rosto no tecido. Os braços mais uma vez pareceram estreitar-se à sua volta, mas Frank soube que era apenas a colcha vermelha se acomodando a seu corpo, e não Gerard lhe abraçando mais fortemente. Ele não estava lá. Apenas a solidão estava zombando dele, mostrando o que perdera e não teria de volta. Chorou com mais força, como se aquilo pudesse ajudar a tristeza a ir embora mais rápido. Mas dedos de tecido vermelho limpavam seu rosto, o enganando mais uma vez, fingindo serem os dedos compridos e magros de Gerard a lhe limpar as lágrimas.

Agarrou-se ao tecido com os dedos trêmulos e afundou o rosto no mesmo, inspirando loucamente aquele cheiro. *Vá embora*, sua mente berrava, chorosa, querendo afastar-se daquela dor e mandar Frank novamente de volta ao quarto sujo. *Fique, por favor*, implorava o coração que, fracamente, acreditava que aquela ilusão era de fato o seu amado. Chorou tanto com aquele dilema que a certo ponto sentiu sua alma esvaindo lentamente pelos olhos, deixando o corpo, despedindo-se dele com um floreio e saindo pela porta. Não sabia mais o que fazer. Aquilo era tudo o que tinha, uma falsa sensação de pertencer, um falso Gerard feito de tecido apertando seu corpo. Nada daquilo era verdade, nem nunca seria, era o máximo que as mentiras de Frank conseguiriam de fato atingir. Ilusões tão reais que o faziam sangrar de verdade.

Fungou e escondeu o rosto com as mãos, logo mais sentindo o gosto de lágrimas as tingindo. Aquilo era tudo? Morrer era assim? Ficar sozinho em um mar de água salgada, enquanto seu corpo se ilude vagamente com algo que muito deseja? Então morrer daquele jeito era ao mínimo bom. Melhor do que morrer se cortando, se enforcando, sangrando. Era quase como desaparecer lentamente num misto de sensações boas e ruins, verdades e mentiras. Morrer de realidade era como Frank desejava, pois, ao mínimo, poderia ter a falsa esperança de que estaria morrendo nos braços de quem amava, por um motivo nobre. Parecia que, daquela maneira, ele morreria com Gerard sabendo tudo o que sentia.

Seus lábios se entreabriram, molhados e salgados, enquanto palavras lhes escapavam tão tremidas quanto doíam. Esperou que aquilo terminasse com tudo, com as ilusões, com o doer em seu coração, com os malditos dilemas. Aquilo estouraria o sonho no qual estava e talvez ele acordasse de fato ao lado de Gerard. Pouco provável, mas valia a pena arriscar. Ele já perdera tudo o que tinha quando Gerard fora embora.

“Mas eu te amo.”

O silêncio o saudou com um eco de suas palavras, como se zombasse daquela declaração.

Abraçou-se com um pouco mais de força à colcha vermelha e escondeu-se por completo, sua pequena altura completamente absorvida no monte de tecido. Enfiou os dedos gelados entre as coxas e apertou os olhos. Não havia mais sensação nenhuma ali. O vazio estava de volta, como se a falsa ilusão de Gerard o abraçando naquele sofá minúsculo nunca tivesse acontecido. A colcha era a colcha, o vento era o vento, e os únicos dedos que limpavam as lágrimas de Frank eram os dele próprios, que escapavam esporadicamente de entre as pernas para limpar o nariz que escorria ou espantar uma lágrima de dentro da orelha.

Ficou assim, imóvel, meio morto e meio vivo, pelo que pareceu uma eternidade. O brilho avermelhado que passava pelo fino tecido da colcha começou a esvaír-se no mesmo ritmo que o sol lentamente ia desaparecendo do lado de fora, trazendo a noite do décimo quinto dia como trouxera as do quatorze anteriores. E cada minuto era uma facada, cada instante era como furar a pele com uma agulha e deixar o furo sangrar. Mas havia milhares de outros furos dispostos a sangrarem, muitas outras agulhas se infiltrando pela pele colorida, tangendo desenhos com o vermelho de sangue. Escarlate. Como a luz que aos poucos se extinguía do pequeno casulo de calor de Frank. Fracamente. Debilmente.

Os sons da cidade começavam a ganhar destaque nos ouvidos cansados dele. Os carros buzinando, longínquas sirenes de polícia correndo para lá e para cá, um helicóptero sobrevoando o céu próximo à casa de Frank. Pessoas discutindo no andar de baixo, uma criança chorando no apartamento ao lado. Os canos à sua volta rangendo e levando água a outros apartamentos. Tudo lhe parecia cotidiano e banal, os mesmo barulhos que começara a catalogar durante os quatorze dias anteriores. Mas houve uma melodia que não lhe era comum.

Música. Vinha de perto, e era uma melodia conhecida. Uma melodia que lhe aquecia o coração só de ouvi-la. Uma música que Frank ansiava ouvir toda vez que Gerard tinha que ir a uma conferência de quadrinhos em outra cidade ou quando ele simplesmente estava no mercado e esquecia se tinha que comprar papel higiênico ou não.

Era o seu celular tocando.

O toque de Gerard.

Não soube como e nem de onde arranjou forças, mas Frank desenroscou-se da colcha vermelha com uma velocidade ridiculamente grande e arremessou-se no corredor com pressa, os pés descalços escorregando no chão liso como se ele fosse feito de água e sabão. Pareceu demorar uma corrida de cem metros toda para chegar ao quarto, mas soube que não foram mais de cinco segundos. A melodia ainda estava no começo e, quando alcançou o celular, congelou.

Fitou a tela colorida. Lá estava, escrito com as letrinhas quadradas, “Gerard Way <3”, e a foto mais adorável que jamais tinha tirado do namorado. Não acreditou. Com todo o coração não acreditou que ele estava realmente ligando, que era o seu número na tela de sua celular, que ele estava do outro lado da linha, segurando o fone, esperando ansiosamente que Frank atendesse antes do oitavo toque. Era a regra de ouro dos telefonemas de Gerard. Ele esperava que o telefone tocasse apenas oito vezes. Quando ligava, deixava-o tocar oito vezes e, se ninguém atendesse, ele desligava. Quando alguém ligava em seu celular ou na casa deles, Frank assistia de onde quer que estivesse Gerard olhar fixamente o telefone e deixá-lo tocar oito vezes para então atender. Sempre. Nunca houvera uma única vez que ele não fizera isso. Tanto que, toda vez que ligava para Frank, o pequeno deixava o fone tocar sete vezes e então atendia, alegremente, perguntando se Gerard achava que ele não fosse atendê-lo.

Apesar de o toque ser uma música, Frank sabia quando os oito toques acabavam. Havia decorado a música apenas para poder atender segundos antes do namorado desligar. E logo dariam os oito toques. Ele tinha apenas mais um. Por isso, quando houve uma batida reconhecível na bateria e o vocalista berrou, Frank soube que era agora ou nunca. Agarrou o aparelho com mais força e aceitou a chamada. Com dedos trêmulos, levou o celular até a orelha e engoliu em seco.

Esperou duas semanas por aquela ligação. Quatorze dias, quase quinze, esperara que Gerard ligasse e eles pudessem ao mínimo escutar um a voz do outro. Um alívio corria por suas veias, mas, mesmo assim, Frank ainda tremia. Era Gerard do outro lado, o homem que fora embora de sua casa por sua culpa, que o amava ilimitadamente. O homem que ele enxotara ao ficar bêbado. Perguntava-se se conseguiria falar qualquer coisa. Se tudo daria certo.

Teria de dar.

Engoliu em seco e agarrou-se à esperança de que seria desculpado.

“A-alô?”

Muita segurança fora transmitida com esse gaguejar, de fato.

Foram os segundos mais longos de toda a vida de Frank. Seu coração batia mais rápido do que um carro de fórmula um, seus dedos tremiam ainda mais, uma junção demoníaca entre café e medo e insegurança. Sentia cada poro de seu corpo começar a suar frio, seus olhos encherem-se e esvaziarem-se de lágrimas rapidamente. Queria gritar e pular e berrar para Gerard falar algo logo, mas também queria que ele sussurrasse apenas aquelas três palavras que lhe significariam tanto – as mesmas três palavras que Frank sussurrara para a solidão levar a ilusão embora – e tudo finalmente estaria de volta ao lugar.

Porém nada daquilo aconteceu. Nem mesmo Gerard foi quem falou. A voz que chegou aos ouvidos de Frank não foi a de Gerard Way, mas a de seu irmão mais novo, Mikey. Reconhecida por ser algumas oitavas mais alta e alguns tons mais baixa, como um sussurro tímido digno do dono, que era apavorado de tudo e de todos. O coração de Frank virou farelos de uma bolacha caída ao chão, pisada, amassada e pisada mais uma vez, até virar uma partícula tão pequena quanto a poeira da sala.

“Uh, Frank? É você?”

Não. É o seu irmão disfarçando a voz. *Bu*. Respirou fundo para não dar uma resposta grosseira ao irmão de Gerard, e juntou todo o pouco espírito que ainda tinha para falar com uma voz minimamente apresentável. Sem gaguejar, sem desatar a chorar – mas, mesmo assim, não

podia negar um fato: Mikey quebrara seu coração ligando do celular de Gerard e lhe dando aquela quantidade ridícula de esperança que seu namorado (ex, àquela altura do campeonato) ainda fosse falar com ele. O que levou a outro pensamento interessante: o que ele fazia com o telefone de Gerard?

“Olá, Michael.”

“Nossa, cara, sua voz está horrível. Está tudo bem contigo?”

Frank suspirou levemente e acariciou uma têmpora com os dedos da mão livre. Como queria desabar em cima de Mikey e lhe contar como tudo tinha o atrapalhado, machucado e fodido nas últimas semanas. Queria poder ter intimidade o suficiente com o Way menor para poder lhe dizer isso, queria poder dizer a qualquer um. Mas seus amigos estavam longe, e o outro lado da linha não era tão receptivo assim. Frank provavelmente superlotaria a mente de Mikey com suas tristezas e merdas, e o outro desligaria correndo, e Frank nunca saberia o que ele de fato queria. Controlou-se.

“Acabei de acordar, sabe.”

Houve um barulho de compreensão do outro lado, seguido de um leve tossido. Frank esperou que aquilo não fosse Gerard ao fundo, tendo uma crise de bronquite ou coisa do gênero. Mas devia ser simplesmente Mikey tossindo.

“Às seis da tarde? Tá bom então.”

Frank permitiu-se rir da mentira mal contada. Não parara para pensar que acordar quando está começando a anoitecer é uma coisa meio bizarra, mas, de fato, ele costumava fazer isso quando estava de folga e Gerard estava em casa. Ficavam até tarde na sala, vendo filmes e namorando, e acabavam indo para a cama quando pessoas normais estariam acordando. E, conseqüentemente, acordariam na hora que pessoas normais estariam voltando do trabalho.

“O que quer Mikes? E por que está ligando do telefone de Gerard?”

Deixou que um pouco de sua frustração derramasse-se ali, entre os dois, naquela pequena pergunta que continha mais dor e preocupação que o maior *tsunami* do mundo. Preparou-se para qualquer resposta, como Mikey o mandando ir até tal lugar para forçar Gerard a comer novamente, até para avisar-lhe que seu irmão sumira de vez. Mas nada o preparou para o que o outro realmente disse:

“Te liguei por causa dele mesmo. Não sei o que houve, Frank, mas preciso que você venha para cá imediatamente. *Precisamos* conversar com você.”

Precisamos? Ao usar o plural Mikey se referia a ele mesmo e a Gerard ou a uma terceira pessoa que Frank não fazia ideia? E por que sua voz estava tão carregada de preocupação e receio? Porque motivo seu tom se amaciara para lhe dizer aquilo? E Gerard? O que acontecera com ele? Porque ele não falava com Frank?

Um milhão de perguntas rodavam por sua cabeça, e para cada uma destas surgiam mais cem respostas. A mente de Frank entrava em turbilhão, e ele sentiu sua voz embargada quando foi responder para o outro Way. Não se importou de conter o choro, não havia necessidade. A sua única necessidade naquele instante era descobrir o que havia de errado – pois, no tom de voz de Mikey, ele notara que alguma merda das grandes havia acontecido.

“Onde... você quer que eu vá?” Gaguejou debilmente, limpando o rosto já molhado com a mão que não segurava o fone. Percebeu apenas naquele instante que estava ajoelhado no chão, o tronco sob a cama, os pés adormecidos por causa da posição desagradável, “O que houve com Gerard?”

Ouviu-o suspirar pesadamente, e pode claramente fazer a imagem do irmão com cabelos cor de areia de Gerard arrumando os fios impacientemente, como o seu irmão mais velho costumava fazer. “Não é algo que eu possa explicar pelo telefone. E, de fato, nem eu mesmo sei o que há de errado com Gerard. Quero que você esteja aqui para entendermos juntos o que aconteceu. Creio que meu irmão iria gostar muito que ambos seu irmão e seu namorado ficassem sabendo o que deu nele.”

Namorado. *Namorado*. A bomba atingiu Frank com mais força que ele esperava, e o pequeno se contorceu, escorregando novamente como uma bolota no chão, o telefone espremido contra a orelha. Não era mais o namorado de Gerard, achava-se indigno de tal posição. Havia o ferido, o deixado ir, enchido seus ouvidos com mentiras dolorosas.

Mas apesar disso tudo, Frank se preocupava genuinamente com o que havia acontecido. Não estava entendendo porra nenhuma, o que o deixava ainda mais ansioso para o que quer que tivesse acontecido com Gerard. O tom de Mikey não ajudava – por baixo de camadas e mais camadas de um tom controlado, ainda assim, Frank percebia que Mikey estava agonizando em sofrimento. Conhecia o outro, ele era estável a maior parte do tempo, mas quando tinha algo haver com seu irmão ou com quem amasse, ele perdia a compostura e podia agir como uma criança sem colo. E Mikey estava exatamente assim, apesar de se controlando como nunca antes Frank o vira fazer.

“Vocês... estão em... Jersey, não?” Sussurrou, apertando o rosto contra a mão livre e entortando seu nariz dolorosamente contra a palma. Era um pouco óbvio demais, o irmão mais novo de Gerard tinha que cuidar da avó deles, Elena, e por isso nunca saía da casa deles em Jersey. Era como perguntar para um surdo se ele escutava. Mikey fez um *aham* tosco. “Eu... não posso dirigir. Estou bêbado...”

“Por favor, Frank, você acha que me importo? Não acha que se não me importasse com você e com seu valor na vida de Gerard teria me dado ao trabalho de te ligar? Quero que venha para Jersey agora. Dirija com cuidado e nenhum guarda irá lhe parar.”

O garoto suspirou contra a própria palma, tentando controlar-se. Mikey não era de ser grosso e, se ele estava sendo, então a coisa deveria estar realmente fodida. Frank levantou-se moribundamente do chão e foi bambeando até a sala, em busca de suas chaves penduradas na parede atrás da porta. Provavelmente seu Uno idoso que engasgava ao ser acelerado devia estar na garagem, pois o Fiat prateado era o carro predileto de Gerard. Apertou os olhos para o pequeno apoio de madeira pregado atrás da porta, tentando discernir qual era a chave ali pendurada. Bem no alvo, as chaves de seu carro velho estavam penduradas atrás da parede, com um chaveiro que partiu o coração do menor.

A foto de quando eles foram à Disney e desceram a Rock ‘n Roller Coaster, lado a lado, Frank esmagando loucamente a mão de Gerard e o outro com a boca tão aberta que parecia maior que a do vocalista do Aerosmith. Frank fungou e pegou a chave, o coração pequenino dentro de seu peito.

Esqueceu que estava com o telefone na orelha, e só lembrou-se dele quando Mikey voltou a falar do nada. Tomou um leve susto e apoiou a testa na parede, para se equilibrar.

“Não faça por mim. Faça por Gerard.”

Foi o que bastou para que seu peito inflamasse de coragem e toda a ressaca fosse por água abaixo. Sentia-se sóbrio de novo, como se o nome de Gerard ligado ao fato de que ainda podia fazer algo por ele (e para ele) agisse como um filtro potente que arrancou o pouco de álcool que ainda restava em seu corpo. Por Gerard, pelo que sentia por ele. Por isso Frank faria tudo – tudo mesmo.

“Por ele, tudo,” repetiu o que pensara para Mikey e voltou-se para o quarto. Resolveu que ia se fazer ao mínimo apresentável para a situação, então, iria checar se ainda recebia água quente com um banho. Largou a chave sobre a mesa e foi arrancando a roupa até o banheiro. “Onde preciso ir?”

“Hospital Psiquiátrico North Holland.”

Oh, Jesus Cristo.

≈

Tomou o banho mais rápido de sua vida e esfregou-se com tanto vigor que quase descobriu uma maneira nova de tirar a tatuagem da pele. A água ainda estava quente, o que significava que a conta de luz poderia esperar até ele voltar de Jersey. Barbeou-se tão precária e apressadamente que quase decepou um pedaço de sua boca – e contentou-se em simplesmente colocar um papel sobre o machucado sanguinolento. Teve que mergulhar de cabeça no armário para achar roupas limpas e utilizáveis, e acabou por escolher as primeiras opções que apareceram; arrumou uma pequena mochila com o essencial para dois dias fora. Não fazia ideia de quanto tempo ficaria em Jersey, mas na pressa que estava não conseguia focar sua atenção em nenhuma tarefa por mais de cinco segundos sem que ela se voltasse para o motivo da pressa.

Gerard. Por Deus, se é que ele existia, o que havia acontecido com o homem de sua vida para ele ter terminado em um hospital psiquiátrico em New Jersey? Ele podia ter tentado se matar, mas a simples ideia fez Frank temer e ser açoitado por uma nova onda de choro incontável. Não podia, Gerard dissera que nunca iria tentar se machucar de novo, não importasse o quão difícil a situação parecesse. Morrer nunca melhoraria a vida de ninguém, pois o fim é apenas uma nova dor, e é a pior de todas. Tudo de sua vida fica para trás, você é esquecido, reposto, substituído. Torna-se apenas um nome em uma lápide que sua mãe vem limpar com limões de vez em quando. Não há nada bonito em morrer. Pelo menos não em morrer voluntariamente por algo como aquilo. Sabia que era importante na vida de Gerard, mas a sua importância não era tão grande a ponto de ser colocado num pedestal na mesma altura que o outro colocava a sua tão valiosa vida.

Mas se não aquilo, o que levaria Gerard àquele lugar?

A resposta era tudo que Frank queria e por isso apressou-se até seu carro vagabundo e sentou-se no banco de motorista. Depois de semanas sem uso, o motor demorou mais de quinze tentativas para ligar. Enquanto tentava inutilmente parar de afogar o motor, Frank ligava para sua mãe e avisava que passaria um tempinho fora em Jersey com Gerard. Linda pareceu muito feliz, mas sua felicidade morreu quando o menor avisou que precisaria que ela chamasse alguém para limpar a orgia que havia ficado em seu apartamento. Desculpou-se mais de dez vezes e avisou que não era nada demais, que pagaria depois (ou quando pudesse). Linda resmungou, mas acabou por ceder. Desligou xingando baixinho e Frank sorriu, com pena. Pagaria com o próprio couro quando voltasse a Manhattan e a mãe lhe mostrasse a conta exorbitante do serviço da faxineira.

O carro finalmente pegou com um tossido engasgado, andando lentamente estacionamento afora, e Frank tentou dirigir o mais calmamente possível. Seu interior travava uma intensa batalha entre a calma e a preocupação eminente. Esta última vencia por pouco, mas, conforme Frank foi descobrindo as ruas da cidade com pouco trânsito e a maioria dos faróis verdes em seu caminho até o Túnel Lincoln, acelerou feito um maluco e foi costurando entre os diversos carros, deixando com que a ansiedade vencesse a guerra. Para sua sorte, nenhum policial estava vigiando e ninguém o parou até ele cruzar o túnel e chegar a Jersey.

Ao adentrar sua cidade natal, diminuiu a velocidade. Não queria atropelar nenhum chefe da máfia e correr o risco de ter que ser perseguido até a morte ou ter que descer do carro e tomar uma surra para não ser morto. Tentou manter-se calmo, ligou o rádio e ouviu qualquer coisa que estivesse tocando. Se escutou Shakira ou Smashing Pumpkins, não soube dizer. Apenas cantou junto com a melodia e tentou parecer calmo quando cruzou com um grupo de policiais. Mas eles estavam ocupados demais revistando garotos que pareciam drogados para ver Frank dirigindo, com os olhos injetados.

Achou o hospital facilmente, e seu coração parou quase imediatamente ao entrar no estacionamento. O carro de Gerard estava lá, parado, brilhante; como se para mostrar a Frank que Gerard encarara aquelas duas semanas tão bem que lavara o seu sempre sujo e imundo carro. Enquanto o menor nem se dignara a levantar da cama e limpar a si mesmo. Sentiu-se mais uma vez sujo e desejou ter tirado sangue de si mesmo durante o banho.

Mas não tinha tempo de pensar em se autoflagelar. Precisava ver Mikey e, acima de tudo, precisava descobrir o que havia de errado com Gerard. Não podia suportar o fato de que algo estava tão errado com seu amado que ele tinha ido parar em um hospital onde colocavam os piores loucos de Jersey, onde psicopatas eram tratados. Gerard não era um psicopata, muito menos louco. O que só mostrava que, o que quer que tivesse acontecido a ele, era tão ruim que tinha de ser internado onde tudo era maior e pior. O coração de Frank ficou do tamanho de uma bolinha de gude.

Saiu do carro e descobriu alegremente que uma de suas calotas fora perdida no meio do caminho. Por cinco segundos ficou com raiva de não ter ficado com o Fiat novíssimo de Gerard e sim com aquele pedaço de metal velho, mas lembrou-se que Gerard lhe dera o pedaço de metal velho quando ele ainda era bom. Depois de um Frank bêbado o dirigindo muitas vezes e várias batidas por aí, um carro nunca fica o mesmo. Aquilo aumentou a depressão interna de Frank, mostrando que mesmo antes de seu alcoolismo jogar Gerard para fora de casa, o mesmo já começara lentamente a destruir tudo o que ele tinha, como seu carro. Respirou fundo e chutou

fracamente o pneu sem calota de seu carro, como se aquilo pudesse fazê-lo sentir-se melhor. Contentou-se em seguir até o hospital e adentrar o mesmo, olhos ao chão.

Odiava hospitais. Vira pessoas morrerem ali diversas vezes – sua avó, seu avô, seu cachorro. Este último podia ter morrido em um *pet shop*, mas um *pet shop* era um hospital para cachorros, não? Eram as mesmas paredes brancas, os mesmo médicos zanzando para todos os lados, carregando pranchetas e empurrando pessoas (ou animais) moribundas em cadeiras de rodas. Hospitais normais têm cheiro de álcool tentando disfarçar o cheiro de morte e doenças que se impregna pelos corredores da mesma maneira que o cheiro de cigarro fica preso às suas roupas. Mas hospitais psiquiátricos não cheiram ao mesmo que hospitais comuns – pelo simples fato de que têm cheiro de nada. Eles são silenciosos e solitários, e cada pessoa que passa por perto de você lhe diz isso. Umas passam sorrindo em demasia, enquanto outras andam acompanhadas, olhos vermelhos e injetados. Loucos e doente mentais, suicidas e depressivos. Todos estavam lá. Por isso nunca podia definir-se o aroma daquele lugar. Simplesmente cheirava a problemas mais profundo do que as maiores mentes podem entender. Eram coisas do subconsciente. Não éramos supostos a entender. Hospitais que tratavam da mente tinham apenas aquela impressão inicial que te causa quando adentra as portas, que tudo aquilo é tão triste e tão complicado que você está interferindo no ecossistema apenas de pisar naquele chão encerado.

Frank estava indo falar com a atendente quando viu Mikey sentado no sofá de visitantes. Ele estava apoiado nos cotovelos, segurando o rosto, e olhava vagamente em frente. Definiu em seu olhar claro, quase como o de Gerard, um misto de agonia, dor e preocupação. Nunca havia visto Mikey ficar assim. Morara um ano com ele e nunca vira tanta dor junta no Way mais novo de uma vez só. Às vezes ele se deprimia por bobagens pequenas, era sensível demais, mas nunca ficava com o olhar apagado e morto como estava agora. Isso pois problemas banais eram problemas com os quais ele podia lidar e compreender, mas seu irmão era um outro mundo, uma coisa além do alcance de seus dedos. Ele não podia compreender o que estava acontecendo ali.

Preocupou-se. Se o choque fora grande para ele, podiam prepara um quarto para Frank, pois ele provavelmente enlouqueceria com a notícia. Não era forte o suficiente para aguentar, sabia disso, e se possivelmente Gerard estivesse doente, Frank já iria ficar tão mal que teria de deitar-se por dias. Era como se suas almas estivessem conectadas. Eles já eram parte um do outro tanto assim para partilharem as dores.

Foi até Mikey e sentou-se, sem som algum, a seu lado. Segurou firmemente uma mão na outra e pôs-se a balançar as pernas irritantemente, esperando. Não sabia exatamente o que, nem quando viria, mas esperou. Com toda a alma aberta, o coração começando a tecer teias de blindagem em torno de si mesmo, esperou que alguma coisa caísse do céu ou surgisse de uma porta ao seu lado. Um doutor. Gerard dizendo que era pegadinha. Um alienígena. Qualquer coisa era melhor do que o sofrimento insano e preocupante no qual ele estava.

“Gerard pegou essa mania irritante de balançar a perninha com você, não é?”

Um riso nervoso escapou dos lábios feridos de Frank, que apenas assentiu prepotente. Gerard aparentemente não contara da briga deles para Mikey, do contrário, ele teria percebido que falar sobre o irmão com Frank era como andar em um terreno cheio de minas – um passo em falso e ele detonaria uma carga que acarretaria um choro sem fim no menor.

“Você demorou um tanto,” Mikey concluiu debilmente, fitando Frank. O menor abaixou os olhos e deu de ombros, batendo um polegar no outro. Não gostava de olhares estranhos sob si. Podia ser Mikey, mas Mikey não era Gerard, e apenas Gerard podia analisá-lo sem que fosse uma coisa invasiva. “Seus olhos estão vermelhos. Tem certeza que não cheirou nada?”

Frank irritou-se levemente, mas manteve a compostura. Causar barraco em um hospital psiquiátrico era como pedir para ser internado e taxado como maluco. E, acima de tudo, não queria discutir com Mikey. Não tinha forças para isso e não queria machucar nem assustar a última coisa que ainda o ligava a Gerard sem causar-lhe uma dor insuportável. Respirou e lançou um sorriso amarelo em direção a Mikey:

“Andei chorando, sabe.”

“Você e Gerard estavam brigados, não é?”

Frank assentiu fracamente, abaixando o olhar novamente e vendo o chão polido lhe devolver o olhar tristonho que lançou. Talvez o fato de que tivessem brigado fosse mesmo visível naquela

hesitação toda. Nos seus olhos marcados pela tristeza ou, até mesmo, no enorme corte pulsante em seu antebraço tatuado. Só agora parara pra pensar que aquilo iria foder suas tatuagens eternamente – um pensamento fútil, se levando em consideração o quão frustrado Frank sentia-se por não saber de nada naquele momento. Mas precisava focar-se, e pressionar Mikey não parecia correto. O loiro estava tão agitado quanto ele, olhando rapidamente de um lado pro outro, como se a qualquer momento alguém fosse atacá-lo ou jogar uma pedra com notícias más em seu rosto. Forçou-se a manter o silêncio desconfortável, por isso focou a atenção em seus tênis esfarrapados e em como devia ter escolhido seus coturnos sempre impecáveis.

“Gostaria de falar sobre o que aconteceu?”

A pergunta realmente o pegou de surpresa. Tanto que Frank olhou para Mikey como se buscasse resposta. Não sabia quais, mas tentou procurar qualquer coisa que pudesse lhe explicar alguma coisa no rosto pálido e jovem do loiro. Vasculhou seus olhos, as leves rugas em sua testa por causa do cenho franzido, os lábios estranhamente sempre vermelhos. Mas não havia nada ali que Frank não já soubesse – insegurança, medo, mais perguntas. Mikey estava tão perdido naquele momento quanto ele estivera durante as duas semanas que passara longe de tudo e de todos.

Sua surpresa se tratou, em maior parte, pelo fato de que Mikey estava genuinamente interessado em saber o que havia acontecido – e não era para machucar Frank, mas sim por se tratar de seu irmão. Era apenas a curiosidade fraternal que ocorria corriqueiramente. E talvez, bem no fundo, Mikey tivesse um mínimo de simpatia por Frank. Gostasse dele, quisesse saber o que acontecera pois se importava com a dor que o acometia. Mas isso era improvável. Gerard (e sua mãe, mas ela não contava) era o único que ainda perguntava o que perturbava o menor.

“Acho que a pergunta certa seria se você quer ouvir o que aconteceu.” Ele soou mais cansado e frustrado do que desejava, mas ainda assim deixou com que um alívio enorme vazasse por entre aquelas pequenas palavras. Mikey era a primeira pessoa com a qual iria falar sobre o que havia acontecido, e estava agradecido que ele ao mínimo se preocupasse com seu (ex) relacionamento.

Mikey bufou levemente e arrumou o cabelo bagunçado para trás novamente com um gesto das mãos ossudas. “Eu já disse, Frank, me preocupo com você. De verdade. Sei o quanto é apegado a Gerard, e se algo abalou vocês dois o suficiente para ele simplesmente sair da sua casa e sumir, foi o que causou essa drenagem visível em você também.”

O outro foi obrigado a concordar com um grunhido quase sem voz. Teve que respirar fundo diversas vezes antes de achar uma voz instável que aguentasse toda a pequena história que se sucedeu na noite em que Gerard foi embora. Falar as palavras em voz alta doía muito mais do que simplesmente passá-las como um filme em sua cabeça por quatorze dias, pois quando se conta a alguém, o que a outra pessoa pensa conta como o modo que ela irá te julgar. Mikey era o irmão mais novo de Gerard, a família dele. Se o maior estava internado naquele lugar, naquele dia, a culpa era da merda gigante que Frank fizera. O machucara, e com aquele machucado Gerard fizera algo que o levava até ali. Por isso se Mikey odiasse Frank depois daquela narrativa não iria surpreender o menor de maneira alguma. Seria um ódio bem-vindo. Ninguém odiava mais Frank naquele momento que o próprio garoto. Mas ainda assim lhe machucaria ter o ódio dele, pois Mikey estava se importando. Não com o que Gerard estava passando, isso também, mas com o que *Frank* estava sentindo. E, em tanto tempo sozinho naquela casa, sem telefonemas e contato, alguém que se importava era tudo o Frank poderia ter que valesse à pena.

O loiro ficou alguns instantes em silêncio, olhando um senhor idoso passar em uma cadeira de rodas conduzida por um enfermeiro que conversava animadamente com ele. O senhor apenas olhava vaziamente em frente, mexendo a boca em palavras mudas. A cena foi tão triste e intensa ao mesmo tempo, que Frank teve de olhar para o outro lado, do contrário começaria a chorar. Era esse tipo de pessoas andavam por ali. Gerard estava ali. Aquilo acionou um mecanismo no peito de Frank que começou a apertar seu coração de imediato. A sua preocupação iria arrancar-lhe o órgão do peito se não descobrisse o que havia acontecido com ele. O silêncio entre o outro Way e Frank durou mais alguns segundos, nos quais o menor se contentou em arrancar pelas soltas do canto das unhas até obter uma resposta, conclusão, ou uma palavra qualquer.

“Isso machucou muito o Gerard, acho que sabe disso,” disse por fim, olhando para Frank de

rabo de olho. Ele assentiu, mudo, enquanto sentia as lágrimas tentando sair pelos cantos de seus olhos cansados. Sabia muito bem das dores de Gerard, pois tinha certeza que as sentira da mesma maneira naquelas duas semanas. Não iria mentir dizendo que sofrera mais que Gerard, pois não o fizera. Sofrera tanto quanto ele; sabia que suas palavras eram mentiras, mas Gerard não. E pensar que seu namorado te quer apenas para sexo deve ser um baque horrível de se aguentar, Frank não fazia ideia do que faria se Gerard um dia lhe dissesse que amava apenas seu rabo. Ficaria ainda mais quebrado do que ficara apenas por ser abandonado. “Tanto que ele terminou aqui--”

“M-Mikey... p... pare, por favor...” Frank gaguejou debilmente, encolhendo-se tanto que diminuiu para metade da sua já pequena altura, escondendo o rosto entre as palmas e respirando fundo. Não podia chorar, não queria demonstrar sua fraqueza tão grande na frente de todos. Mas com Michael ali, a seu lado, lhe dizendo que Gerard estava machucado e internado por sua culpa, não fazia nada mais fácil. Frank já vinha se culpando há duas semanas, e quando tinha uma chance de fugir daquele apartamento manchado de tristeza e más lembranças, aparecia outra pessoa para puxá-lo pelos calcanhares novamente e o enterrar até o pescoço no lodo da infelicidade. Não poderia fugir da culpa, de fato, mas podia se afastar um pouco. O problema é que tudo lhe lembrava de sua maior fraqueza – seu amor. Ele fora curado de tudo de errado que fazia por causa de Gerard, e sem Gerard era como retroceder a velhos hábitos.

Estava chorando novamente antes que se desse conta. Não se importou, ou pelo menos fingiu que não. Chorar era como água quente nos pés: não resolvia, mas lhe aliviava um bocado. As lágrimas eram como uma saída alternativa para a tristeza não ficar toda acumulada e inflamada em seu peito desgastado, um atalho para a realidade. Para o fato de que Gerard estava ali em algum lugar e a porra do seu coração estava explodindo de ansiedade para vê-lo, estivesse como estivesse.

O sofá ao lado de Frank rangeu quando Mikey se mexeu desconfortavelmente, “Não chore, por favor,” o menor tentou respirar fundo, mas acabou engasgando e causando uma dor lancinante em sua garganta, que só o fez chorar mais. Agora doía fisicamente também. Era tudo o que ele precisava, “Vamos, Frankie, não chore, está tudo bem.” A mão gelada dele pousou no ombro de Frank, e de pronto ele se encolheu. Era a primeira vez que alguém lhe tocava depois de todo o tempo preso, sofrendo no seu apartamento, e sentia como se sua pele tivesse sido queimada e qualquer toque a colocasse em chamas novamente. Mas permitiu-se pegar fogo se fosse apenas para sentir que alguém estava ali, tentando ajudar, preocupado. Imaginou o tamanho do peso que o Way mais novo devia estar carregando nas costas naquele dado momento.

“Acho que eu devia ter ficado quieto.” Mikey murmurou depois de um longo silêncio. Frank ainda soluçava fracamente, mas a dor não parecia mais tão grande – sabia que ela só havia se afastado e, mais cedo ou mais tarde, retornaria. Mas estava mais leve, como se aquela simples companhia e aquela palma gelada em seu ombro quente fossem um analgésico, levando sua dor embora temporariamente.

“Devia,” concordou com a voz embargada, desenterrando o rosto das mãos e esfregando-as no tecido de seu jeans, secando as lágrimas endurecidas na calça amassada. Limpou o nariz com as costas da mão e olhou para Mikey. “Me diga. Como ele está?”

Os ombros de Mikey pareceram se retesar por baixo de sua camiseta com estampa de zebra, e ele olhou fixamente em frente, os dedos abrindo e fechando sistematicamente por cima de suas calças. Frank baixou os olhos e mordeu o lábio inferior, se preparando para algo muito pesado ser jogado em sua já fragilizada alma. Coisas como *ele ficou louco* ou *Gerard se entupiu de remédios de novo e está apagado faz algum tempo* passaram pela mente deturpada do menor, e houve uma dor aguda em seu peito. Como se ele estivesse apertado por dedos invisíveis. Não se tratava de uma dor plenamente, mas era uma sensação desagradável, como estar sendo degradado. Parecido com a sensação que se teria caso você tivesse delimitado uma linha entre o aceitável e o errado, alguém viesse e pisasse do lado proibido. Aquele era o limite entre o conforto e a dor. Não iria causar uma ferida na alma de Frank, mas estava incomodando-o. E esse incômodo, por mais suportável que fosse, estava a ponto de virar dor. Pois o limite da degradação estava sendo lentamente violado por aquele silêncio, por aquela dúvida; que a passos lentos queimava tudo ao seu redor e avisava Frank que as coisas iriam dar errado muito em breve.

“Gerard está bem, Frank. Lúcido, inteiro, sem cicatrizes. Não tentou se matar, não tocou em remédios durante essas duas semanas. Mas... tem algo muito errado com ele.”

Frank franziu o cenho e fitou Mikey diretamente, lançando a ele o olhar mais inquiridor que possuía. Tentou, novamente, tirar alguma conclusão de seus olhos ou de seu rosto. Um movimento hesitante de suas mãos, qualquer coisa que indicasse uma mentira. Mas não havia mentiras ali, via que Mikey estava sendo claro como um cristal, sincero. Entretanto, se aquilo era verdade, então o que diabos Gerard estaria fazendo internado? Não havia nada de errado com ele aparentemente, eram apenas as suspeitas de seu irmão mais novo assustado. Ele podia ter visto Gerard sofrendo e o trouxera correndo para o hospital por ter medo de ele ser um depressivo. Ainda assim, aquela não era a preocupação presente nos olhos de avelã de Mikey. Existiam fatos concretos naquelas íris brilhantes, uma convicção que assustou Frank.

Foi com um fio de voz que pronunciou sua última dúvida:

“Então o que há de errado com ele?” Mikey hesitou, torcendo as mãos no colo e olhando furtivamente para os lados. Frank estava ficando nervoso também, precisava saber do que Mikey sabia. Sentia que era a informação final que completaria o quebra-cabeça que estava ali, lhe assombrando, querendo ser completo, mas recusando-se a oferecer a peça necessária. O menor esticou uma mão trêmula e apertou o joelho de Mikey com força, chamando a atenção do Way para si. “Mikey. Diga logo.”

“Eu não sei, Frank. Gerard não se lembra de nada recente. Não se lembra o que estava fazendo na casa de praia de Elena, não sabia há quanto tempo estava lá, porque seu cabelo estava curto, como o calendário marcava 2010, nada. Simplesmente me ligou, desnortado, falando que não tinha lembranças de nada. Que a última coisa que se lembrava era de sair da Escola de Arte e dirigir para casa.”

“Mas... isso foi... há uns três anos.” Frank gaguejou, sem reação.

“Eu sei. Não faz sentido não é?”

Não, não fazia. Uma pessoa não podia simplesmente esquecer o que havia acontecido nos últimos três anos de sua vida de um momento para o outro. Não dormia e acordava com amnésia, aquilo era uma doença que sempre estivera ali, apenas se desenvolvendo e mostrando sinais de que podia explodir. Coisas pequenas seriam esquecidas, mas o outro nunca esquecia nada. Gerard não sofrera acidente nenhum, não batera o carro, não caíra de cabeça. Estava intacto, segundo Mikey. Não havia motivos para ele ter esquecido os três anos anteriores. Ele também nunca comentara nada com o menor sobre ter alguma doença que o faria repentinamente esquecer tudo o que passar nos anos mais recentes, não havia um motivo racional para três anos sumirem como se fossem fumaça na água.

Três anos. Frank conhecia Gerard há aproximadamente dois anos e meio.

Foi quando uma ideia assustadora esmagou qualquer outro pensamento da mente de Frank, os varrendo e tomando conta de sua cabeça como se fosse um tufão destruindo uma cidade e deixando destruição no lugar. Uma enorme pilha de destroços que, olhando de certo ângulo, era toda uma ideia formada. Foi a certeza que Frank precisava para saber que, mesmo se tivesse a chance de se encontrar com ele, nada aconteceria. Pois ele não lembraria. Não podia ser uma mera coincidência. Pelo menos não sob aquelas circunstâncias – a briga, o sumiço repentino, toda a dor que Frank causara nele. Tudo o que eles haviam passado fora naqueles dois anos e meio, fora tudo muito recente.

Havia de alguma maneira uma ligação sinistra e incontestável entre todos aqueles fatos e o que estava acontecendo (ou acontecera) entre Gerard e o menor. Ele não precisava perguntar a Mikey para ter certeza de que, se questionasse a Gerard quem era Frank lero, ele não faria a mínima ideia. Franziria o cenho como se perguntasse o nome de um desconhecido, inclinaria adoravelmente a cabeça para o lado como um filhote confuso. Não saberia como responder. Por uma simples razão – pois não havia mais traços dele em sua mente, nada, nem um reflexo. Então tudo fazia, sim, sentido.

Gerard havia esquecido Frank.

- III -
Apagado

A reação imediata de Frank não podia ser descrita com qualquer palavra. Era maior do que a palavra mais gigantesca que pudesse ser escrita, e menor do que um único som que se podia produzir. Não foi choque, não foi tristeza. Não tinha nada a ver com qualquer um desses sentimentos aos quais podemos dar nomes assim tão simplesmente. Não podia nem ser descrito como um sentimento plenamente; era como um momento, algo que só pode ser assimilado no instante do ocorrido.

Houve um vazio, grande e profundo, no interior de seu corpo. Em uma parte mental de Frank que nunca antes fora atingida – pelo menos não aparentemente. Mas não podia ter sido atingida, pois quando aquele momento de vazio ocorreu, foi como uma supernova explodindo e passando rapidamente para o nível de um buraco negro. Aquele momento, aquela sensação indecifrável, ganhou proporções assustadoras, ao ponto de adquirir gravidade própria e começar a sugar tudo ao seu redor. E tudo, naquele caso, consistia na realidade e o chão nos quais o pequeno mantinha-se naquele momento; era a condição levemente confortável na qual estivera vivendo sua pequena vida nas últimas horas, com as vagas esperanças de que Gerard o desculparia, de que se encontrariam e tudo sumiria com um piscar de olhos. Tudo isso foi sugado dele com uma rapidez ridícula, aquela estrela negra envolta em sua própria gravidade lhe tirando tudo. A leve confiança. O pequeno conforto que sentira ao ficar junto de Mikey e sentir o apoio que outro lhe dava. O tapete debaixo de seus pés foi arrancado e debaixo dele estava um buraco no qual Frank caiu, lentamente, completamente ciente de que estava afundando em algo tão fundo quanto escuro. Podia chamar aquele momento de vaziou ou de escuridão, mas, outra vez, os nomes eram ínfimos e profanos, nada poderia realmente captar o teor do momento. Aquela mistura terminal de terror, inconformidade e dor; cada um deles dez vezes maior do que era normal.

Em um segundo ele estava na cadeira, e no seguinte havia sumido dentro da própria mente, tentando achar um pequeno canto seguro e longínquo no qual podia se enrolar como uma bola e fitar vaziamente em frente, tentando buscar a compreensão daquele momento. Algo que nem seu corpo e nem sua mente ainda haviam conseguido captar. Seus olhos ainda viam a sala de espera, e estava completamente ciente de Mikey ao seu lado, o olhando, preocupado. Mas não podia fazer nada por isso, queria abrir a boca e falar, mas o buraco negro desconhecido havia sugado juntamente com todo o resto sua força.

Havia tantas coisas naquela afirmação de Mikey que, de fato, não faziam o mínimo sentido. Como, por exemplo, como uma pessoa podia simplesmente esquecer-se da outra de um momento para o outro. Não havia um botão de emergência no umbigo que dizia “aperte-me para esquecer sua vida”. Era uma coisa que devia se mostrar durante um tempo anterior ao de seu ocorrido, pequenos indícios que mostrariam que muito em breve a memória seria completamente perdida. Pensando daquela maneira, Frank percebeu, havia como ter acontecido. Gerard se afastara por duas semanas completas, os indícios de que ele começaria a se esquecer de sua vida podiam ter se mostrado durante aqueles quatorze dias, e ninguém estava lá para supervisionar o que estava acontecendo. Pelo que Mikey dissera – ou pelo que Frank extraíra subconscientemente de sua fala – Gerard passara aquele tempo todo escondido na casa de veraneio de Elena. Sozinho.

Mas outra coisa que teimava em não fazer sentido era o que desencadeara aquilo. Tristeza era uma coisa forte, de fato, e podia induzir a muitas coisas. Mas ficar triste costumava levar a coisas dentro de sua cabeça, a sentimentos que o perturbariam e tirariam seu sono, a uma depressão profunda e, dependendo do tamanho de sua tristeza, à vontade de acabar com a própria vida e se matar de maneiras horríveis. Mas será que a tristeza de Gerard fora assim tão forte, tão profunda e avassaladora, que mexera com sua memória e com seu interior a ponto de tirar alguma coisa essencial do lugar? A ponto de iniciar a incineração instantânea de dois anos e meio, trinta meses, apagados no espaço de fechar os olhos e abri-los no dia seguinte? E, por ventura, podia não ter sido apenas a tristeza; mas o misto de frustração, solidão e abandono que fizeram com que algo mais complexo surgisse em seu peito e o induzisse àquela situação inexplicável?

Frank sabia que aquilo podia existir, pois olhando para trás durante as suas duas semanas

negras, tudo o que sentira não podia ser descrito apenas como tristeza. Essa era uma palavra ínfima, indescritível e boba para definir os sentimentos que lhe esmagavam e tentavam enterrá-lo num túmulo de sufoco. Era a desolação de braços dados com um coração partido e pedindo a culpa em casamento. E se aquela dor toda de Frank fora uma coisa que, em certo ponto, o fizera tentar mutilar-se, porque a mistura de sensações e momentos de Gerard não podia ter-se transformado em um processo corrosivo que o apagou da mente do maior? Simplesmente tinha sentido nesse pensamento. *Destrúa o que te destrói.* Acabe com sua tristeza apagando a razão dela de sua mente.

Apesar de tudo se encaixar com esse pensamento, lacunas negras ainda assombravam a mente de Frank. Coisas grandes demais para sua mente ferida e sugada para o nada compreender. Ele, um adolescente bobo e nanico, insignificante para o mundo, não podia ter causado uma mágoa tão gigante em um homem tão impenetrável como Gerard. Não parecia certo. Eles se amavam, aquilo era uma verdade da qual nunca duvidaria. Mas seria o amor que ele sentia por Frank o necessário para que, ao perdê-lo, não pensasse duas vezes (mesmo que indiretamente, pensando com o corpo e não com a mente) antes de destruir tudo o que passaram juntos? De degradar a si mesmo, arrancando um pedaço que posteriormente faria uma falta gigantesca, deixando um buraco, um fosso sem fundo, de memórias incompletas? Ele era um homem forte, nem mesmo a morte conseguira arrancar um pedaço dele, pois Gerard simplesmente se erguera acima dela e declarara que *não, você não vai me levar*. Frank não podia ter sido mais forte que aquilo, ele não podia ter simplesmente tirado o motivo dele de se lembrar de tudo o que acontecera naqueles dois anos e meio. O que a mente de Gerard fizera, mesmo sem seu comando, podia simplesmente erguer-se de pé na frente de Frank e mostrar-lhe o tamanho de sua importância na vida dele.

Importante o suficiente para ele perder o rumo quando perdera Frank. O menor lembrava-se claramente de Gerard lhe dizendo que ele era sua vida, que sem ele as coisas não teriam tanto sentido quanto tinham no dado momento. Mas para Frank aquilo eram palavras de um homem apaixonado, coisas ditas no calor do momento, quando a excitação falava mais alto que o tato ou que o bom senso. Nem sempre dizemos o que realmente sentimos, omitimos uma parte ou adicionamos ingredientes a mais a um todo bem menor. Fazemos de uma porção pequena uma coisa muito maior – e pessoas apaixonadas ficavam bobas o suficiente para transformar, numa comparação tola, um *cupcake* em um bolo de casamento. Frank amava incondicionalmente Gerard, ele era, de fato, sua vida. Mas nunca lhe passara pela mente dizer isso, era algo que sabia que se dissesse, o maior riria ealaria que ele era exagerado. Gerard estava acostumado a exagerar com tudo, mas Frank sempre fora reservado quanto ao que sentia. Dizia o que achava necessário dizer, na hora certa, com as palavras exatas. Gerard significava o mundo para ele, mas não sabia o que faria sem ele, pois estava ali, à sua frente, anulando qualquer pensamento de caso ele fosse embora. As palavras de Frank podiam ser medidas, modificadas e ajustadas para ser uma verdade cabível, e também eram assim as de Gerard. Mas as dele eram bem menos manipuladas e muito mais sinceras. Quando ele dissera que Frank era seu mundo, que não existia sem ele, estava sendo verdadeiro.

Tão verdadeiro que ali estava o menor, num hospital psiquiátrico, chorando feito uma criança sem colo, pois a razão de tudo o que tinha havia simplesmente o deletado de sua mente. E havia feito isso, pois ele era tão importante em sua vida que não tinha porque lembrar depois de ter ido embora – não havia porque continuar com as memórias de Frank se ele, supostamente, não amava Gerard. O menor sabia que aquilo não era a verdade, mas o outro não fazia ideia. Numa enorme bola de neve de confusão, bebida e palavras mentirosas, memórias haviam sido apagadas; e um futuro tão negro quanto à estrela assassina que insistia em se expandir dentro de Frank se estendia na frente dele, na frente de Gerard e na frente de qualquer um que tivesse alguma ligação ao maior.

Mikey ainda o olhava. Deu um suspiro, como se para demonstrar que estava vivo, e o outro pareceu relaxar levemente os ombros mirrados. Mexeu as pernas um pouco, pois as mesmas pareciam dormentes, e depois cruzou. Posição de espera – mais provavelmente de um milagre. Ou apenas de um diagnóstico. Não que Frank não confiasse no que Mikey dizia, confiava sim; mas queria ouvir a situação da boca de um profissional que sabia o que fazer e como podia ter

acontecido. E, até mesmo, como curá-lo.

Um fio de esperança nasceu. Ínfimo, quase extinto no fundo da escuridão de Frank; se alimentando de algo que ele não sabia o que era. Estava apenas ali, assinalando que havia vida, que havia esperanças. Bruxuleando com o vento da tempestade que era a vida do garoto naquele momento, mas resistindo.

“Mikey... vocês sabe quanto tempo leva para sair o diagnóstico?” Frank arriscou a perguntar, coçando o nariz com as costas da mão. O ar estava um pouco difícil de entrar por causa do seu choro, e Frank sentia-se como um cano entupido, além de levemente zozinho. Fora uma carga de informação tão grande para um corpo tão fraco que era como se tivesse tido uma daquelas crises malucas de labirintite que sua mãe vivia tendo quando ele era menor. Pelo menos ele achava que devia ser algo nesse gênero.

O loiro ergueu os ombros, frustrado. “Um dia, uma hora. Sinceramente não sei Frankie.”

Podia ter me chamado quando já o tivesse, porre. Frank praguejou em mente para logo em seguida morder a língua. Estava levemente estressado e não podia descontar em Mikey, mesmo que mentalmente. Devia sim agradecer ao outro por tê-lo avisado. Qualquer irmão que soubesse que o namorado havia machucado seu parente provavelmente deixaria o outro lá, fazendo Deus sabe o que, mas Mikey fora consciente ao ponto de ligar para Frank. Pois ele se preocupava. Alguém ainda se preocupava com Frank. Mesmo que fosse o irmão de seu ex-namorado, com suas pernas tortas e atitudes hesitantes.

Quanto tempo aquilo podia levar? Sinceramente Frank também não fazia a mínima ideia. Supondo que Gerard tinha amnésia, podia ser algo em um nível mais profundo que necessitasse de exames ou algo mais leve que apenas com algumas perguntas podia ser descoberto. Mas ainda a possibilidade de ser algo estranho que necessitasse mais pesquisas, exames corpóreos e coisas do gênero. E se fosse isso, Frank não fazia ideia de quanto tempo podia demorar, mas tinha certeza que não seria menos de um dia todo. Era uma coisa complicada e delicada, a memória, a mente humana. Fugia da compreensão limitada que Frank tinha da vida. Uma das milhões de coisas que não conseguia conceber em seus vinte anos.

Outro ataque de tontura o atacou, desta vez sendo acompanhado por pontinhos pretos e coloridos dançando em sua visão. A cabeça de Frank pareceu repentinamente leve e ao mesmo tempo pesada, pois pendeu livremente para frente e desabou no próprio colo. Algo zumbia dentro da mesma, e quando abriu os olhos o barulho pareceu aumentar. Uma dor no fundo de seu estômago pareceu ajudar a fazer tudo um pouco pior – algo parecido com ânsia de vômito, mas não tinha nada na barriga para colocar para fora.

Quando seu corpo se tornou tão leve quanto o resto e ele ameaçou cair da cadeira, Mikey tomou seu corpo mole nos braços e o colocou apoiado no encosto de plástico novamente. Frank manteve os olhos fechados, repentinamente mais fraco do que jamais estivera. Nem durante as duas semanas que passara sozinho em casa se sentira de tal maneira. Sentia-se, literalmente, vazio. Sem alma, sem corpo, leve como uma folha.

“Frankie? Jesus, não faça isso comigo. Já basta o Gerard,” Ele o sacudiu de leve e Frank abriu os olhos com cuidado, fitando bem dentro dos acastanhados de Mikey, que dardejavam por seu rosto com frenesi. Não queria preocupar o outro, mas realmente não conseguia com que nenhum som com vogais saíssem de sua boca. “Graças a Deus. O que você tem? Ficou tão pálido de repente. Pensei que tinha desmaiado.”

“Hnn... Não sei também. Só me sinto vazio e... minha barriga está doendo pra caramba.” Murmurou soltamente, balançando o corpo de leve para fugir do aperto que Mikey dava em seus ombros. Ele o soltou, murmurando desculpas, e Frank permaneceu sentado da mesma maneira, agora com os olhos arregalados para o teto. Doía, mas ele tinha que se acostumar. Não iria desmaiar naquele momento, disse tinha certeza.

“Quando foi a última vez que você comeu?”

Frank franziu o nariz e juntou as sobrancelhas com o ato, forçando a cabeça já dolorida a lembrar de alguma coisa e fazendo-a latejar ainda mais. “Sei lá. Quatro dias atrás?”

Mikey recuou um pouco, olhos arregalados. “Você só pode estar brincando.”

“Talvez. O chiclete que eu masquei ontem conta como comida?”

O outro estreitou os olhos para Frank, parecendo incrédulo, e ele não pode conter um riso

leve. O primeiro depois de mais tempo que gostaria, ou pelo menos um riso sincero, não de escárnio, como costumava rir de si mesmo quando estava em sua fortaleza, escondido do mundo. Foi um som ribombante, que ecoou em cada canto de sua cabeça dolorida como um trovão, inflamando ainda mais a tontura e, se não houvesse o encosto na cadeira, com certeza teria caído.

Com um pulo, Mikey se levantou de sua cadeira. Frank acompanhou o movimento com os olhos, curioso, mas ainda assim com a cabeça extremamente leve e dolorida. “Vou comprar uma coisa para você comer. Quer um cheesecake?”

Piscou lentamente e um sorriso letárgico tomou conta de seu rosto. “Dois.”

Mikey devolveu o sorriso timidamente e saiu recepção afora, procurando a lanchonete. Ocorreu a Frank que seria mais educado tê-lo acompanhado até a lanchonete, mas só pensar em se por de pé com o corpo tão leve sugeria uma queda. Por isso ficou quieto em seu canto, olhos inquietos agora fechados e dedos frenéticos cruzados no colo. Havia muito barulho em sua mente, todavia, e Frank não estaria completamente relaxado tão cedo. Mas parecia que as coisas estavam melhores... Bem pouco, mas estavam melhores. Pelo menos estava fora do seu palácio de dor e interagira com um ser humano, indo brevemente comer alguma coisa. De fato, Frank não comia há mais de quatro dias. Não sentia vontade e, quando sentia, simplesmente fumava um cigarro ou mascava um chiclete para mascarar a fome. Apenas a menção de um cheesecake fizera seu estômago se contrair dolorosamente, avisando que estava vazio e desta vez iria saciar-se. Mesmo que Frank fosse vegan, ele não poderia se importar menos. Estava com *fome*, comeria até mesmo uma zebra se lhe oferecessem uma. Quem sabe se entupir de comida não ajudasse a encher o buraco repentino em seu peito?

Ele esperou por algum tempo, chutando os pés, encarando o chão e seus azulejos brancos e limpos. Tão falsamente limpos, tanta água sanitária esfregada nos ladrilhos para fazê-los mais limpos; no entanto, todos realmente sabiam o quão sujo aquele chão devia ficar. O quanto os faxineiros deviam esfrega-lo para que ficasse naquele branco pueril. Chão branco, limpo. Vazio. Como a mente de Gerard. Frank podia quase ver os neurônios dele trabalhando para apaga-lo da mente do mais velho. Podia vê-los esfregando o equivalente a água sanitária em todas as memórias boas deles juntos, fazendo com que Gerard esquecesse tudo. Chão branco e limpo. Mente branca, limpa. E vazia. Frank sentiu o estômago revirar e cobriu os olhos, tentando não fitar a brancura infinita daquele chão de hospital, que o enjoaria mais.

Quando Mikey voltou, ele ainda estava do mesmo jeito. Na realidade, Frank apenas notou que Mikey havia voltado quando o mesmo colocou uma mão ossuda em seu ombro e o empurrou contra o encosto da cadeira novamente.

“Você está tão branco...” o Way mais novo murmurou, colocando um dos cheesecakes na mão suada de Frank. “Tem certeza que está bem?”

“Não. Não tenho.” Frank respondeu o mais honestamente que pode, abrindo os olhos finalmente e encarando Mikey pelo canto dos mesmos. Como ele poderia estar bem? Como podia estar qualquer coisa além de arrasado ao receber a notícia que o homem que ele mais amou nessa vida havia simplesmente o esquecido? E o que doía mais nele—saber que a culpa de tal esquecimento era única e exclusivamente dele?